

UM OLHAR SOBRE O IN-FINITO

Rosemary Affi Santos Costa (UFMT)

RESENHA: SALLES, Cecília Almeida - *Crítica Genética: uma introdução, fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários*. São Paulo: EDUC, 1992.

Dois luzeiros presidem uma obra de arte à sua maneira: um que cria e outro que percorre esse processo criativo.

No finito repousa a arte publicada.

Um olhar atento que percorre atalhos, fendas, fissuras de um caminho percorrido pelo autor direciona-se para e por sobre o infinito.

Por causa do espírito “explorador” do qual se imbui a autora ao escrever este livro, *Crítica Genética: uma introdução*, é que o mesmo fascina o leitor que busca essa crítica como ciência e o leitor desavisado ao se sentirem, ambos e de maneira cativante, impulsionados a empreender um caminho, compreender um fazer literário e a se apaixonarem por essa jovem e viva ciência que “veio com um forte desejo de penetrar na razão do processo criativo”.

Numa linguagem clara e sedutora e num tempo de leitura agradável são articulados e integrados os fundamentos dos estudos genéticos sobre os manuscritos literários. Com o objetivo de elucidar questionamentos sobre o processo de criação artística a autora deixa vir à tona, como principal foco de interesse, a compreensão daquilo que permeia a gênese de uma obra literária ao lançar mão do teórico e do prático.

Em busca desse propósito demonstra uma extraordinária capacidade didática ao dividir, sua obra, em quatro momentos distintos porém relacionados no todo.

Na apresentação, através de um contexto histórico rápido, situa com propriedade o efeito do dar a luz a Crítica Genética, também chamada Genética Textual, na França, em 1968 e no Brasil, em 1985. Os problemas ligados ao seu desenvolvimento e os principais acontecimentos que cercaram sua gênese constituem o quadro inicial enfatizado, de acordo com a autora, pela necessidade de se ter em mente que “essa nova crítica, um campo tão fértil e ainda promissor de pesquisas, necessita, embora possa parecer paradoxal, de claros limites para continuar seu vôo livremente”. São os limites e liberdades dessa ciência que nasce justamente carregada de desejo e de atração e que, por não, ter nada pré-estabelecido, pré-determinado, contrastantemente, dá conta do seu objeto de estudo.

Destaca a autora que toma por base o pensamento do cientista-lógico-filósofo Charles Sanders Peirce que define ciência como “um empreendimento de busca interminável, feito por um grupo de pessoas motivado pelo desejo da descoberta ou pelo impulso de penetrar na razão das coisas”. É nesse desejo de descoberta que está contido o nascimento da Crítica Genética que tem como intuito compreender o processo de fabricação da obra de arte. Seu interesse, portanto, centra-se no processo criativo artístico e sua grande questão gira em torno de “como é criada uma obra de arte”.

No capítulo “Demarcando o campo de pesquisa da Crítica Genética” a autora esclarece e amplia, ilimitadamente, as fontes de pesquisa e de reflexão do leitor-pesquisador. Afirma que neste campo o que importa é a escritura, o manuscrito (rascunhos, anotações, diários, mapas, planos), a concretização de um processo em contínua metamorfose ponto de partida para a aventura de desmontar o percurso e pô-lo em ação no incessante movimento do vai e vem, do vir-a-ser, da linguagem “in statu nascendi”.

Com isso, a autora elucida que o trabalho do geneticista é compreender, a escritura em processo, intensificando o fato de que o propósito da Crítica Genética surge do desejo de violar segredos – o geneticista quer ver a criação artística por dentro.

Vemo-nos assim diante de um saber diferente. A grande jogada desta ciência fica por conta do seu objeto de estudo. Diferentemente das demais ciências a Crítica Genética

não possui objeto próprio porque o seu objeto de estudo “é o caminho percorrido pelo artista para chegar (ou quase chegar) à obra entregue ao público”.

No decorrer da obra pressente-se um sinal de alerta “é praticamente impossível abordar os problemas relativos à Crítica Genética senão sob determinada perspectiva teórica”. A esse alerta a autora acrescenta uma chamada para a necessidade da relação do geneticista com o manuscrito ser mediada por uma teoria: “o geneticista escolhe um arsenal teórico que parece explicar aquilo que ele busca; o que ele procura em uma teoria é o que ele percebe naquele objeto de estudo”. É o arcabouço teórico. São diferentes abordagens mantendo suas singularidades, conferindo status de ciência àquele caminho que é cientificamente percorrido e pesquisado.

A seguir a autora faz um amplo “Detalhamento do Trabalho” existente a respeito do processo de criação: a elaboração do prototexto de seu objeto científico com o auxílio de um método e sugere “disciplinar cientificamente os dados e ir além da identificação”.

Com o efeito, Cecília Almeida Salles preocupa-se em conferir à obra caráter teórico-prático e reforça essa idéia na medida em que apresenta o capítulo “Crítica Genética em Ação”. Apropriando-se da Metafísica evolutiva segundo a teoria de Peirce procura compreender a evolução do processo criativo nos manuscritos do escritor Ignácio de Loyola Brandão. Explicita que essa evolução é a evolução do pensamento e que esta se dá por tichismo – evolução por variação fortuita, circunstancial, – absoluto acaso; por ananquismo – evolução determinada por força bruta – teoria dos cataclismos; por agapismo – evolução marcada pela tendencialidade – amor criativo.

“Acaso, cataclismo e amor evolutivo interagem, ao longo de um processo criativo, sem o menor pudor ou dificuldade”.

Em suas considerações finais insere as “Implicações dos Estudos Genéticos” onde salienta a ressurreição do autor dando ênfase a atividade da mão criadora vista e sentida no estudo do manuscrito, “esse prolongamento do corpo e da mente do escritor”. Isso faz com que esta pesquisa deixe transparecer o processo de criação

de um autor em sua lucidez e cegueira: “no instante apaixonado do poeta existe sempre um pouco de razão; na recusa racional permanece sempre um pouco de paixão”. O fascínio pelo manuscrito, ressalta a autora, “é a chance de sua análise se autocorrigir diante de uma possível falha”.

Nesta obra, postura e comprometimento éticos são notórios por parte da autora geneticista-semioticista ao citar que a *Crítica Genética* “veio para inovar os estudos sobre o processo criativo e renovar e enriquecer os estudos literários”. Mostra em instigante princípio que essa “estética em criação abala a concepção de estética tradicionalmente relacionada à obra publicada” = um olhar sobre o finito; e que essa “noção de perfeição e acabamento se defronta com o texto em permanente revisão”, em perpétuo devir = um olhar sobre o infinito.

O cuidado com que a autora expõe suas idéias e a atualidade do assunto tomam a leitura útil para o leitor que busca essa ciência para conhecer e se aventurar nos meandros dos manuscritos porque é um roteiro seguro para acompanhar idas e vindas; revelar e compreender mundos, poéticas, devaneios do autor.

O livro *Crítica Genética: uma introdução* é um texto bem emaranhado, bem urdido. Nos meandros da tessitura a autora tece uma idéia que é reforçada a cada capítulo o que sugere a continuidade, a relação com as outras.

Sua produção acontece no momento oportuno em que há uma conscientização, por parte dos autores e familiares no sentido de preservar os manuscritos, e uma perspectiva de se ampliar os limites da *Crítica Genética* percorrendo processos artísticos criativos em artes plásticas, música, teatro, dança, arquitetura,...

Tudo isso constitui indício bastante eloqüente sobre processo de criação. Em razão disso, a obra ocupa espaço bastante importante na bibliografia sobre o assunto. Promove a conscientização do trabalho do geneticista e apresenta uma visão geral das diversas linguagens que estão inseridas no percurso criativo e das teorias que dão suporte a esse fazer literário analítico.

Pode-se ressaltar, ainda, que a obra exerce papel positivo, preponderantemente face ao empenho da autora em

lançar luzes sobre a luz, em instigar o leitor a olhar para o infinito, em demonstrar vinculação entre ciência e arte.

O livro de Cecília Almeida Salles representa um marco introdutório na área de Crítica Genética contribuindo para reencontrar o escritor que escreve, hesita, rasura, rabisca, escolhe, recomeça o fazer poético na sua essência de mistério e encantamento – uma gênese daquilo que é Arte e Belo.